

## ***Introdução – Sobre o Desafio da Migração: Perspetivas de Hermenêutica Crítica***

**Alison Scott-Baumann**

**Gonçalo Marcelo**

The time is out of joint; O curs'd spite,  
That ever I was born to set it right.  
(*Shakespeare, Hamlet*)

*À primeira vista, pode parecer algo estranho dedicar um volume de uma revista de hermenêutica – ainda que de uma vertente crítica da hermenêutica – a um tema como o das migrações (incluindo as que são forçadas) ou dos refugiados. De facto, para um leigo, não será a interpretação de textos a principal preocupação hermenêutica, pelo menos de um ponto de vista metodológico? Assumamos, ainda neste primeiro nível de análise inocente, que tal abordagem pode de facto parecer estranha. Mas permita-se-nos apostar que essa abordagem pode contribuir para que se entenda o que está em jogo neste debate fundamental e, quem sabe, até para mudar os termos no qual ele se desenvolve. Com efeito, quando aplicada à análise das sociedades, incluindo os problemas políticos e éticos que nelas se levantam, ela fornece uma perspetiva que está ausente noutras abordagens.*

*E isto porque, em primeiro lugar, uma das lições fundamentais da hermenêutica é que nenhuma sociedade existente e constituída*

*historicamente é uma tabula rasa que poderia de repente ser governada por um conjunto de ideais "inventados", independentemente de quão justos eles pudessem parecer, e que qualquer tentativa "revolucionária" de começar do zero uma ordem política acaba por resultar em "terror". Em segundo lugar, porque outra das lições, intimamente relacionada com a primeira, é que, no domínio da ação humana, a avaliação é um princípio constitutivo. Apesar das tentativas inocentes, ou por vezes mesmo nefastas, do (neo-)positivismo de nos convencer do contrário, a verdade é que, na esfera prática (incluindo as questões éticas, políticas e sociais) quase nada está isento de juízos de valor. Essa é uma das conclusões de alguns dos autores fundamentais a trabalhar na interseção entre a filosofia e a economia, como Hilary Putnam (2004) ou Amartya Sen (1987), quando analisam o entrelaçamento entre factos e valores, mas o mesmo é válido para a perspectiva hermenêutica aplicada ao domínio prático.*

*Juntas, estas duas lições hermenêuticas permitem-nos, por um lado, apercebermo-nos da existência de características comumente partilhadas, tais como as identidades coletivas e respetivos legados culturais, incluindo a sedimentação parcial a que estão sujeitas (e à qual Ricœur chamaria "ideológica", em sentido constitutivo) mas também, por outro lado, perceber em que medida – e apesar da sua relevância – se deve impedir que elas sejam completamente reificadas. Caso contrário, tudo se passaria como se, em virtude de uma má analogia levada demasiado longe por uma epistemologia essencialista, as identidades passassem a ser vistas como sendo completamente autossuficientes e, por conseguinte, excludentes e hostis em relação aos seus "outros". Pelo contrário, uma hermenêutica social, sobretudo se tiver em conta a noção ricœuriana de identidade narrativa, compreende o carácter inerentemente fluído e mutável de qualquer identidade coletiva.*

*Qual é, portanto, a vantagem de se usar um método hermenêutico para compreender a realidade social e mesmo tentar mudá-la? Tal método, implícita ou explicitamente advogado por autores como, entre outros, Michael Walzer (1987), Charles Taylor (1994), Axel Honneth (2009) e Paul Ricœur (1981) nalgumas das suas obras (e, a este propósito, veja-se também Marcelo, 2012), sendo não-ideal, é capaz de revelar a historicidade de qualquer ordem social, incluindo as suas crenças fundadoras – sendo que, apesar de reconhecer a importância destas últimas dada a constituição simbólica das sociedades e das comunidades, também é capaz de as criticar, precisamente por ser uma hermenêutica crítica. E isto significa que as condições de pertença não são consideradas a priori como sendo irracionais mas também, simultaneamente, que para que sejam eticamente justificadas têm de conseguir passar pelo crivo da crítica.*

*Ora, existem muitas formas de exercício desta crítica, e que vão desde a crítica genealógica e imanente (e que consiste em aferir até que ponto determinados ideais ou práticas se desviaram, ou não, do seu alegado sentido fundador) até à crítica transcendente que compara certos valores, os quais são sempre históricos e situados, com outras possibilidades alternativas. Mas pelo menos isto é certo: uma análise hermenêutica da realidade social está sempre constitutivamente aberta a outras possibilidades de sentido, quer isto assuma a forma de uma fusão de horizontes gadameriana, ou de um conflito de interpretações ricœuriano.*

*Ora, se tivermos em conta algumas das consequências práticas da aplicação deste paradigma à realidade social, apercebemo-nos da sua importância. Em primeiro lugar, em virtude do perspectivismo prático que mencionámos, conclui-se que uma destas consequências é a adoção de uma espécie de humildade epistémica. Em segundo lugar, e de forma mais importante, esta humildade recorda-nos da incompletude de qualquer ponto de vista e da necessidade de atingir*

*um entendimento comum e partilhado no qual estejamos constitutivamente abertos aos outros.*

*Por outras palavras, uma das consequências práticas do paradigma da hermenêutica crítica é que ele clama ativamente por um enraizamento intersubjetivo da nossa própria ipseidade. Por conseguinte, problemas como o do desafio ético de acolher o outro (isto é, de passar da hostilidade à hospitalidade, como relembra Kearney – veja-se Marcelo, 2017), numa das diversas formas que a hospitalidade pode assumir, e remover os bloqueios à mesma – incluindo fazer uma crítica da retórica de exclusão usada por líderes políticos xenófobos, ancorada numa compreensão reificada e por vezes quase solipsista de identidades culturais ou políticas vistas de forma monolítica – são intrinsecamente hermenêuticos.*

*E é por isso que, na nossa opinião, faz sentido atacar o problema das migrações a partir de uma perspetiva de hermenêutica crítica. Como Nina Arif nos recorda no artigo que apresentamos mais adiante, o número de deslocados a nível global é hoje o maior de sempre. E é claro que o problema das migrações forçadas não é novo. Há séculos que as pessoas têm atravessado fronteiras, ou tentado fazê-lo, seja por razões estritamente económicas (nas quais se inclui, obviamente, tentar escapar à miséria) ou por outras razões humanitárias, como fugir a conflitos armados. Contudo, o simples número de deslocados que existem nos dias de hoje, o drama vivido por imensos migrantes que morreram no Mar mediterrâneo e a horrível reação a tudo isto em muitos países da União Europeia, incitada por um populismo de direita xenófobo, e isto enquanto a Europa parece colocar a segurança das suas fronteiras (naquilo a que se tem chamado a abordagem da "Europa fortaleza) acima da solidariedade e do respeito pelos direitos humanos, fez com que se tornasse evidente esta lamentável situação.*

*Vista de uma perspetiva ocidental e, mais especificamente, europeia, a "crise dos refugiados" (e por crise entendemos aqui não*

*tanto o número de pessoas que chegam às fronteiras da Europa, o qual é quase insignificante se comparado com o que chega a outros países próximos do conflito sírio, mas antes à vergonhosa reação europeia ao que tem estado a acontecer) aprofunda uma crise europeia que lhe preexistia, a qual se começou a sentir pelo menos desde a crise do euro e que mostrou as profundas divisões entre países membros da UE, bem como a ausência de um projeto coletivo mobilizador. Para mais, se olharmos para esta situação a partir de uma perspetiva global, e a ela juntarmos o aumento de uma tendência anti-imigração em muitas partes do mundo, o problema do Brexit e o perigo do surgimento de novos conflitos armados, parecemos poder ter os ingredientes para o surgimento de uma nova "tempestade perfeita". E o risco é que, por entre tudo isto, quem mais sofra sejam aqueles que já estão pior; e estes são, é claro, os migrantes forçados.*

*Foi com este complexo de problemas em pano de fundo que nos propusemos organizar este número especial dedicado às migrações. O volume é principalmente composto por artigos de filosofia mas também se abriu a outras contribuições, mais empíricas, que ajudam a perceber toda a situação. Os primeiros dois artigos são contribuições que foram enviadas respondendo a um convite da nossa parte, e que são da autoria de cientistas sociais que, no entanto, também usam fontes filosóficas no seu próprio trabalho. Os seus artigos ajudam a entender a situação a partir de pontos de vista diferentes, sobretudo as ciências sociais e o trabalho feito diretamente com migrantes, bem como a análise da forma como os media retratam de forma enviesada os imigrantes e que contribui para normalizar o discurso xenófobo de direita.*

*O artigo inaugural deste volume, da autoria de Elsa Lechner e Letícia Renault, intitulado "Migration Experiences and Narrative Identities: viewing alterity from biographical research" dá conta do trabalho etnográfico levado a cabo pelas autoras com migrantes e*

*refugiados. As autoras procuram inspiração em algumas obras importantes de hermenêutica, tais como as de Ricœur, Richard Kearney ou Johann Michel, para enfatizar a importante tarefa de dar voz aos próprios migrantes e refugiados. Lechner e Renault reconhecem quer a tessitura intersubjetiva da subjetividade, quer a forma como as identidades são constituídas, pelo menos parcialmente, de forma narrativa. Assim, usam a noção ricœuriana de identidade narrativa para ilustrar a forma como interagiram com migrantes em "workshops biográficos" que orientaram em Portugal. A sua prática, e a sua reflexão sobre aquilo que fazem, assume especial relevância neste contexto, já que, a mais das vezes, os migrantes forçados estão privados quer de reconhecimento, quer da possibilidade de se fazer ouvir. Uma vez que, frequentemente, estes migrantes não lhes vêm atribuído o estatuto de parceiros iguais de interação (precisamente por não fazerem parte da politeia que os recebe, isto é, não serem cidadãos) também não são, a maior parte das vezes, ouvidos. Assim, acabam por ser descritos por outros, tais como os media ou os políticos e isto, digamo-lo usando um eufemismo, de uma forma que nem sempre lhes é muito favorável. Assim sendo, uma das tarefas que recai sobre quem investiga este problema é precisamente a de criar os espaços e condições que possibilitem que os migrantes se expressem. E este é um processo que ilustra a responsabilidade dos próprios investigadores, já que dar aos migrantes a oportunidade de partilhar as suas próprias histórias de vida equivale a conceder-lhes pelo menos uma forma básica de reconhecimento.*

*Alguns exemplos chocantes da cobertura noticiosa enviesada que alguns media fazem dos migrantes são dados no artigo de Nina Arif, "Consenting to Orientalism when Covering Migration: How the British Media Dehumanises Migrants in the Context of the Syrian Civil War". Arif mostra de que forma os discursos de direita (por vezes mesmo os discursos populistas ou de extrema-direita) são reportados e não*

*questionados até na imprensa liberal mainstream, o que contribui para que sejam aceites como "o novo normal" e, portanto, "produzindo consenso", como mostra Chomski. Arif estabelece uma ligação entre esta desumanização dos migrantes, tão prevalente nos media, e o voto que levou ao Brexit, alimentado por um medo injustificado dos migrantes. A autora também atribui esta representação enviesada à influência de um modelo "orientalista", inspirado pelas análises de Said, e que representa os migrantes como outros indesejados e exóticos que não conseguem ou não podem representar-se a si mesmos e que, em última instância, são vistos (como no caso dos muçulmanos) como sendo ameaçadores e violentos. Nina Arif faz uma análise de discurso de alguns exemplos deste fenómeno, nomeadamente os da cobertura mediática dos ataques de Westminster em 2017. Assim sendo, a autora acaba por propor uma das importantes tarefas daqueles a quem Michael Walzer (1987) chamava os "críticos envolvidos": a de transmitir às pessoas o conhecimento necessário para que desconstruam narrativas falsas. Tarefa que, como é evidente, é da maior importância neste tempo de fake news e manipulação populista, sobretudo sobre os imigrantes.*

*O artigo seguinte, escrito por Alexandra M. Moreira do Carmo e intitulado "A Crise da Existência e o Existencial da Crise. Ser para os outros fora do quadro do essencialismo" recua um pouco para analisar o significado existencial geral da crise. Alexandra do Carmo encontra a origem das crises sociais contemporâneas, incluindo a crise das humanidades e a crise dos refugiados (a qual põe a nu uma crise da hospitalidade dada a demonstração de xenofobia) numa crise mais original que, de acordo com esta análise, ainda não terá sido ultrapassada. Encontrando inspiração em Heidegger, Alexandra do Carmo avança uma crítica poderosa do essencialismo, entendido enquanto idealização abstrata e próxima do objetivismo e que, de acordo com Husserl, afasta a ciência do mundo da vida. Para Alexandra*

*do Carmo, a crise migratória é, pois, o sinal de uma crise epocal mais profunda, a qual é uma crise existencial que nos impede de compreender e aceitar quer a mudança quer as pessoas que, vindas de fora, dela são portadoras. Para compreender esta crise e, quem sabe, ir para lá dela, Alexandra do Carmo analisa, recorrendo a Maldiney e ao neurologista Viktor von Weizsäcker, o "existencial da crise", a saber, e sobretudo, o medo do estranho, e clama por uma abertura à transcendência que este representa.*

*Os últimos quatro artigos abordam todos este tema de como acolher o estrangeiro, e abrangem desde o problema da xenofobia ao desafio de passar da hostilidade à hospitalidade. O artigo "Recém-chegados, Apátridas e Refugiados: Os Modos de Aparecer do 'Estranho' na Obra de Hannah Arendt", da autoria de Eduardo Morello e Élsio José Corá, aborda em profundidade o trabalho de Hannah Arendt, para nele detetar as diversas formas de aparição do estranho que marcam presença na sua filosofia. Segundo os autores deste artigo, o estranho assume em Arendt duas formas principais: primeiro a de condição inerente de todos os recém-chegados; e, em seguida, como símbolo de algo assustador, quando lidamos com apátridas ou refugiados. Examinando a fragilidade destes últimos, Morello e Corá explicam em que medida, para Arendt, isto significa que eles são privados da sua singularidade (reduzidos a uma diferença absoluta), bem como da narrativa que poderiam tecer sobre si mesmos e sobre o seu lugar no mundo, mostrando também como este problema está ligado à suspeita que eles causam nas comunidades políticas. Assim, os refugiados também se encontram privados de um acolhimento digno, ao contrário da figura do recém-chegado, em quem se deposita esperança.*

*Por seu turno, o artigo de Vinicio Busacchi, "Why Those who Disregard Foreigners Despise Themselves" avança uma análise poderosa das consequências éticas, antropológicas e sociais de se ser hostil para com os estranhos e, sobretudo, com os estrangeiros.*



*Assumindo uma inspiração hegeliana, a saber, uma busca de liberdade e justiça enquanto práticas emancipatórias, Busacchi liga de forma estreita o nosso desenvolvimento com a forma como tratamos os outros. Uma das crises que o autor identifica é profunda: a do perigo do colapso da democracia. Um regime (neste caso, a democracia) encontra-se em perigo quando deixa de se aperfeiçoar. Recordando a importância, tantas vezes obnubilada, das noções de conflito e crise na filosofia de Ricœur, Busacchi argumenta que elas devem dar azo a uma renovação da democracia. Porém, quando o exercício da democracia se reduz a uma mera formalidade, como é tão frequentemente o caso nas democracias representativas dos nossos tempos e que autointitulam liberais, e quando, para mais, a ideologia dominante é um individualismo exacerbado, então a possibilidade do populismo, da xenofobia e de fenómenos quejandos pode ser levada ao extremo. Busacchi exemplifica estes acontecimentos com a forma como os media italianos tratam os migrantes de forma pejorativa, tal como Nina Arif faz para o caso britânico. E este autor conclui que, tendo em conta que cada um de nós também transporta em si um estranho interior, ultrapassar o preconceito contra os estrangeiros é também fazê-lo em relação ao nosso estranho interior e, inversamente, desprezar o estrangeiro acaba por significar, mutatis mutandis, desprezar-nos a nós mesmos.*

*Por outro lado, os últimos dois artigos focam-se numa tarefa mais positiva, ainda que difícil: a da (im)possibilidade da hospitalidade. O texto de Matheus Carvalho, "Alternativas para el Desafio Ético de la Hospitalidad: Un diálogo entre el cosmopolitismo, Derrida y Taylor" propõe uma comparação entre o cosmopolitismo, a hospitalidade e o multiculturalismo. Carvalho começa o artigo com uma apresentação do cosmopolitismo como implicando um direito à hospitalidade, na medida em que visa estabelecer "cidadãos do mundo"; identifica as origens da tradição cosmopolita na Grécia antiga e segue o seu fio condutor até*

*Kant e o direito à hospitalidade. Em seguida, o autor passa para a noção de hospitalidade na sua versão derridiana e próxima da desconstrução, a qual se encontra em tensão com a ênfase kantiana no direito, na medida em que a hospitalidade, tal como aparece em Derrida, é estritamente ética e porventura irreconciliável com o direito à hospitalidade que supostamente se deve instanciar em leis concretas. Finalmente, Matheus Carvalho aborda a proposta de multiculturalismo tal como ela aparece em Charles Taylor: uma proposta política concreta para promover o acolhimento da diversidade no quadro de uma antropologia que insiste na construção dialógica das identidades através de processos de reconhecimento mútuo. Para Carvalho, estas três possibilidades, diferentes mas ainda assim com relação entre si, são três caminhos possíveis para justificar o dever ético de acolher estrangeiros, tais como aqueles a que a crise dos refugiados dá origem.*

*Finalmente, o artigo de Victor Gonçalves, intitulado "Renaturalizar o ser humano para renovar o sentido de hospitalidade, entre Derrida e Nietzsche", aprofunda a análise da proposta derridiana de uma hospitalidade incondicional, no contexto do legado ético de Levinas. Dando conta de algumas das aporias presentes na interpretação que Derrida faz deste problema, Gonçalves propõe que se use a proposta nietzschiana de uma "renaturalização do humano", interpretando-a como uma hospitalidade pós-humanista e pós-nacionalista. A aposta de Victor Gonçalves é que a postura "amoral" de Nietzsche, a qual resulta na descrição de um Übermensch que é, sem sombra de dúvida, pós-nacional (na medida em que recusa qualquer tipo de vínculo nacionalista, culturalista ou identitário) poderia, em teoria, usar o seu instinto de autossuperação para fundar uma nova sociedade de seres humanos livres e iguais que poderiam ser capazes de uma hospitalidade "poética" ou "incondicional", na linha de Derrida. Por outras palavras: a propriedade de si seria, de forma talvez um pouco paradoxal, uma condição de possibilidade da hospitalidade*

*radical, aquela que opera sem obedecer a regras estritas – isto é, sem as “leis” concretas da hospitalidade que Derrida atacava. Em tal cenário, todos seriam permanentemente estrangeiros, hóspedes e anfitriões ao mesmo tempo, já que as linhas de fronteira nacionais deixariam de importar; o que, hipoteticamente, acabaria com a assimetria entre cidadãos de determinada comunidade política e os estrangeiros. Assim, ainda que apenas como experiência de pensamento, não se pode ignorar a possibilidade avançada por Victor Gonçalves, a da existência de uma maneira pós-nietzschiana de levar a cabo uma (im)possível hospitalidade derridiana.*

*Em última instância, dedicamos este volume àqueles que não são ouvidos e esperamos que, ao aproximar um conjunto de diferentes vozes, possamos dar uma pequena ajuda para que se façam ouvir as vozes dos migrantes, dos refugiados, dos requerentes de asilo, bem como dos seus pais e filhos. Fazemos isto contra a retórica ensurdecadora de um debate que promove a exclusão, venha ela de uma postura de esquerda ou de direita. Esse debate é, por vezes, conduzido de uma forma que nos invoca a definição que Popper dava de ciência: argumentava que embora seja impossível provar a verdade de uma teoria científica, ela deve pelo menos poder ser falsificável (Popper, 1959). Se a teoria for falsificável deve-se poder esperar que seja baseada em evidências e, assim sendo, mesmo que não seja útil, pode pelo menos ser discutida. Por outro lado, não sendo falsificável, é provável que não tenha nenhuma relação com a realidade. Ora, a teoria de Popper pode até ser problemática, não sendo sequer verdadeiramente hermenêutica mas, no entanto, providencia-nos uma analogia esclarecedora para perceber porque é que políticos como Salvini, Le Pen, Trump e outros do mesmo género são tão raramente postos em causa: é que as suas posições são tão desligadas da realidade que se tornam infalsificáveis. E isto é uma característica das posições dos demagogos populistas: as suas teses sobre os migrantes*

*são tão extremas e tão irreais que se tornam impossíveis de falsificar. Por conseguinte, não tendo relação com a realidade, são também muito difíceis de contrariar já que não se baseiam na verdade, apenas na emoção e na suspeita. Estas narrativas completamente desligadas das evidências prosperam em contextos como a agenda britânica para a securitização nacional, a qual impõe um quadro no qual a xenofobia se pode instalar e impede a discussão livre (Scott-Baumann, 2017a). É preciso enfrentar essas teses não-dialógicas sobre a migração e este volume oferece um manancial de diferentes fontes de evidência, línguas, registos linguísticos e abordagens éticas para encorajar as comunidades cultivadas a responder às teses populistas.*

*Uma das fontes positivas e prescientes em quem buscamos inspiração é Paul Ricœur, nele procurando um modelo para substituir o discurso populista por uma hermenêutica equilibrada e crítica. No artigo de 1996 intitulado "Being a Stranger" (na tradução inglesa que citamos aqui, veja-se Ricœur, 2010) Paul Ricœur avança uma argumentação em três pontos: devíamos abandonar a insistência rígida nos privilégios concedidos à cidadania nacional em detrimento da posição enfraquecida dos requerentes de asilo; devíamos ser mais hospitaleiros, incluindo nisso as questões do asilo, dos direitos dos turistas, apoio à imigração e ao estatuto dos refugiados. Contudo, afirma que essas mudanças só podem ter lugar quando as pessoas se sentirem confortáveis e seguras enquanto cidadãos e membros dos seus próprios países. Como acontecia frequentemente com Ricœur, essas afirmações, proferidas na segunda metade dos anos 90, parecem ter sido prescientes, se lidas agora, cerca de 20 anos depois. No que diz respeito à primeira tese, é claro que temos de estar prontos para atenuar a fronteira entre quem está dentro e quem vem de fora. E, em segundo lugar, não se pode negar que a hospitalidade que hoje em dia se concede é, várias vezes, miserável e apenas serve para confinar,*

*rebaixar e excluir os refugiados e os requerentes de asilo. Não há dúvida, por isso, que devíamos ser mais generosos.*

*A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e a Convenção de Genebra de 28 de Julho de 1951 estabelecem que todos os indivíduos têm direito a uma nacionalidade. Ricœur explica de que forma o Estado-nação criou silos dentro dos quais cada cidadão se sentiria supostamente seguro; acontece é que não nos sentimos seguros. E ele termina o artigo "Being a Stranger" com um desafio: só seremos verdadeiramente generosos e hospitaleiros para com os outros, em sentido kantiano, quando compreendermos e aceitarmos a nossa condição de pertença quer ao nosso país quer, neste caso, à Europa, sentindo-nos seguros numa cidadania europeia que é simultaneamente nacional e supranacional. Para Ricœur isto significa a aprendizagem de, no mínimo, duas línguas e fazer um esforço para ajudar quem está para lá das nossas fronteiras. Contudo, como assinala Lorey, o neoliberalismo agrava a nossa precariedade através da securitização das fronteiras e da identidade. O que, por sua vez, aumenta o nosso medo de uma penúria económica alegadamente causada pelos "outros" (Lorey, 2012: 64).*

*Um aspecto crucial da forma como tratamos os estrangeiros e que não é tido em conta por Ricœur no artigo que acabamos de citar, mas ao qual este volume especial dedica reflexão, é a forma como o mundo ocidental parece acreditar ser imune aos problemas sofridos pelos outros: outras pessoas sofrem mas nós muitas vezes agimos como se não houvesse nada que pudéssemos fazer em relação a isso. Outras pessoas tornam-se refugiados e migrantes, mas agimos como se isso não nos afetasse. Outras pessoas são traficadas, mas nós não. É claro que isto acaba por se revelar como estando errado. Todos somos capazes de pathos. E o artigo de Vinicio Busacchi mostra como enfraquecemos a nossa própria ipseidade ao recusar ajudar aqueles que mais ajuda precisam, por serem menos afortunados que nós.*

*Grupos e redes de crime organizado fazem hoje em dia dinheiro com migrantes um pouco por toda a Europa: estes são comprados, ou subjugados de corpo e alma, para diversos fins, como sexo ou crimes violentos, incluindo terrorismo. E a sociedade tem uma responsabilidade direta nestes casos, na medida em que permitimos que os migrantes sejam alvo de comportamento predatório em consequência da nossa rejeição deles enquanto seres humanos. Muitos são tratados como animais em campos de detenção, reduzidos a um condição sub-humana pela nossa negligência e o nosso preconceito. Assim, acabam por ir parar, não intencionalmente e de forma negligente, ao mundo do crime, já que não lhes resta nenhuma outra opção (Nadeau, 2018).*

*Ricœur, no artigo que acabámos de citar, escreve na condição de alguém que mergulhou no mundo das políticas governamentais e respetiva documentação, e de facto este foi o caso. Em 1996, participou na comissão Hessel sobre os migrantes, a qual tinha sido mandatada por Rocard, e escreveu este artigo como resultado direto dessa experiência. Escreveu-o na qualidade de um filósofo que se confronta com políticas concretas e fê-lo com uma compreensão simultaneamente filosófica e política, citando diversa legislação relativa aos direitos humanos e diferenciando vários tipos de estrangeiro, tal como apareciam plasmados na lei francesa. Pode portanto dizer-se que recorreu a diferentes "registos". Os "registos" linguísticos diferenciam-se consoante as tarefas que solicitamos à linguagem. No artigo "Being a Stranger" Ricœur combina um conhecimento profundo do pensamento europeu em diversas vertentes: filosófica, governamental e estatal. E o mesmo se pode dizer de alguns dos artigos deste volume, os quais usam registos emanados da filosofia ou das ciências sociais para clarificar registos jornalísticos.*

*O registo que cada um de nós usa para comunicar é da maior importância e tem vindo a assumir um maior peso moral (mais até do*

*que em circunstâncias normais) já que, no momento em que preparamos este volume da Critical Hermeneutics, encontramos-nos perante uma torrente de invetivas de vários grupos designados como sendo "populistas" e que pululam pela Europa. Ricœur reconheceu a importância do uso da linguagem para a nossa agência ética e esperamos que o mesmo possa ser dito em relação a estes artigos. Este imperativo moral é claramente desrespeitado pelo tom agressivo e não dialógico que é adotado por demagogos populistas e que é discutido por Nina Arif. Isto faz com que seja ainda mais importante juntar diferentes registos, os quais podem e devem ser usados para procurar soluções para a crise das migrações quer a nível nacional quer a nível da União Europeia. Assim, neste volume da Critical Hermeneutics, reunimos diferentes vozes, académicas, ativistas e jornalísticas, para tentar compreender como é que um mundo que acredita ser tão civilizado pode na verdade criar um antro de degradação e, depois, ainda crer que não será afetado pelo mesmo. Foi por isso que incentivámos ao uso de diferentes registos, alguns até dentro do mesmo artigo, como são os casos dos textos de Vinicio Busacchi e de Nina Arif, os quais usam fontes filosóficas para ilustrar as suas posições e também discutem dados e estatísticas que refletem a sórdida realidade dos migrantes. Em ambos os casos, são corrigidas as falsas perceções relativas ao suposto dano causado pelos migrantes aos seus países de acolhimento.*

*Já Elsa Lechner e Letícia Renault aproximam-se dos migrantes para registar as suas experiências, algo que os filósofos não fazem frequentemente. Usam pesquisa biográfica para captar as histórias daqueles cujas opiniões não são pedidas e cujas vozes não são ouvidas: os migrantes. E esta voz ausente do migrante também é ouvida por Nina Arif, que mostra como os media desumanizam as histórias dos migrantes ao tornarem anónimos e sub-humanos aqueles que se atrevem a procurar refúgio noutras terras e, como nota Achille*

*Mbembe, se atrevem a submeter-se a uma sentença de morte imposta por pessoas que deveriam ser mais esclarecidas. E, neste ponto, voltamos à alusão de Ricœur relativamente ao nosso desconforto existencial conosco mesmos. Se as sociedades aceitarem a dieta de ódio que lhes é preparada pela mídia e pelos governos, ficarão presas a narrativas infalsificáveis, vagueando por entre irrealidades desconfortáveis nas quais acreditam, até certo ponto, que aqueles que vêm de fora são perigosos. É preciso continuar o debate que este volume leva a cabo, para aproximar diferentes evidências, registos e línguas, para dar eco às vozes não ouvidas, para sopesar de que forma os governos podem ajudar a desenvolver os desafios equilibrados que Ricœur nos propõe, para que possamos aprender sobre nós mesmos ao aprender com os outros. O trabalho de Ricœur fornece-nos os instrumentos para avançar diferentes registos que se possam esclarecer uns aos outros (Scott-Baumann, 2017b).*

*Nada disto configura uma tarefa fácil. Pelo contrário, é um desafio, e requer uma aposta. Tarefa que, ainda que modestamente, esperamos que este volume de hermenêutica crítica permita ajudar a levar a cabo.*



## Referências

- Honneth, A. (2009). Reconstructive Social Criticism with a Genealogical Proviso: On the Idea of "Critique" in the Frankfurt School. In A. Honneth, *Pathologies of Reason: On the Legacy of Critical Theory*. Trans. by D. Ingram. New York: Columbia University Press.
- Lorey, I. (2012). *State of Insecurity*. London: Verso Books.
- Marcelo, G. (2012). Making Sense of the Social. *Hermeneutics and Social Philosophy. Études Ricœuriennes / Ricœur Studies* vol. 3 no. 1: 67-85.
- Marcelo, G. (2017). Narrative and Recognition in the Flesh. An Interview with Richard Kearney. *Philosophy & Social Criticism* 43(8): 777-792.
- Nadeau, B. L. (2018). *Roadmap to Hell: Sex, Drugs and Guns on the Mafia Coast*. London: Oneworld Publications.
- Popper, K. (1959). *The Logic of Scientific Discovery*. London: Routledge.
- Putnam, H. (2004). *The Collapse of the Fact-Value Dichotomy and Other Essays*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Ricœur, P. (2010). Being a Stranger. Trans. by A. Scott-Baumann. *Theory, Culture & Society* vol. 27, n. 5: 37-48.
- Ricœur, P. (1991). *From Text to Action. Essays in Hermeneutics, II*. Trans. by K. Blamey and J. B. Thompson. Evanston: Northwestern University Press.
- Ricœur, P. (1981). *Hermeneutics and the Human Sciences: Essays on Language, Action and Interpretation*. Ed. and trans. by J. B. Thompson. Cambridge: Cambridge University Press.
- Scott-Baumann, A. (2017a). Ideology, utopia and Islam on campus: how to free speech a little from its own terrors. *Education, Citizenship and social justice*, vol. 12(2): 159-176.

Scott-Baumann, A. (2017b). Trust within reason: how to trump the hermeneutics of suspicion on campus. In *Muslims, Multiculturalism and Trust*. Eds. A Yaqin, P Morey & A Soliman. New York: New Directions Palgrave.

Sen, A. (1987). *On Ethics and Economics*. Oxford and New York: Basil Blackwell.

Taylor, C. (1994). *Multiculturalism: Examining the Politics of Recognition*. Princeton: Princeton University Press.

Walzer, M. (1987). *Interpretation and Social Criticism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.